

Dois Tempos e Dois Encontros Gilbertianos

Nelson de Sousa Sampaio

27 de novembro de 1943: a Bahia, pela voz deste orador, homenageava Gilberto Freyre, 29 de outubro de 1980: a Bahia, pela voz do mesmo orador, homenageia Gilberto Freyre. Dir-se-ia, por essas expressões, que apenas mudou o tempo do verbo, como se o passado conseguisse a façanha de voltar ao presente. Os atores são os mesmos, idênticos os papéis, e igual o palco. Iguais as proveniências dos interlocutores. Como ontem, o Mestre vem de Recife. Como ontem, o intérprete da Bahia aguarda-o em Salvador, com o mesmo receio de não traduzir fielmente a hospitalidade, o apreço e a admiração do povo baiano a quem soube plantar um marco indelével na história da inteligência brasileira.

Tudo se conjuga, assim, para dar-nos a impressão de que a história se repete. Mas, na verdade, ela parece apenas imitar a si própria. Quando nos apresenta analogias e semelhanças, elas se encaixam em novas seqüências da aventura humana. A história é, desse modo, uma árvore que reproduz as folhas, flores ou espinhos, mas jamais são idênticos os espinhos, as flores ou as folhas. O caráter humano permanece em todo o desenrolar dos fatos, e, por isso, é que a história tem sentido. Mas é o que ela sempre traz de novo

Oração proferida na homenagem prestada a Gilberto Freyre, por motivo do seu 80º aniversário, pela Universidade Federal da Bahia e pelo Conselho Estadual de Cultura, no dia 29 de outubro de 1980, no salão nobre da antiga Faculdade de Medicina dessa Universidade.

que mantém a nossa curiosidade pelo seu enredo.

É o de que ficamos convencidos quando aguçamos a vista neste ambiente ou, mais ainda, quando lançamos os olhos mais longe, para os horizontes da história mundial, que já ensaia os primeiros atos da história interplanetária. Em menos de quatro décadas, afigura-se-nos que o nosso primeiro encontro *gilbertiano* se passou na pré-história. Uma sucessão e convergência de revoluções de toda espécie — todas elas interligadas — nos arremessaram, com velocidade estonteante, em um novo universo.

São as revoluções técnicas das comunicações, dos transportes, da energia atômica, da cibernética, da astronáutica; a revolução biológica da genética, dos transplantes e dos anticoncepcionais; a revolução sexual; a revolução política da descolonização e da expansão marxista-leninista. Marx afirmara que o comunismo poria fim à pré-história da humanidade. Todavia, essas revoluções se processaram primeiro fora do mundo marxista-leninista, estendendo-se a ele depois. A única exceção seria a revolução dos satélites artificiais, que a União Soviética iniciou, em 1957, com o lançamento do *sputnik*. Ainda assim, se bem examinarmos, veremos que a proeza russa foi feita com a técnica tomada dos Estados Unidos, que atrasaram o seu programa espacial, permitindo que a Rússia tivesse a primazia daquela feito.

Debrucemo-nos um pouco sobre esse breve lapso da história universal. Quando nos reunimos, em 1943, a televisão iniciava, nos países mais industrializados, sobretudo na América do Norte, seus primeiros passos. Mas ainda não havia chegado às nossas plagas. A Bahia ouviu pelo rádio a saudação que fizemos a Gilberto Freyre e a mensagem que ele dirigiu aos baianos. Em virtude da alta percentagem de analfabetos, a grande maioria da população ainda não havia ingressado na idade da escrita, o que equivale a dizer, sobretudo para o homem rural, que vivia à margem da história. O País era avassaladoramente oral, nas conversas a domicílio ou, em pequena extensão, pelo telefone, no vozerio das feiras, nos anúncios gritados dos vendedores ambulantes, nas prosas de esquina ou dos borequins, nos recados transmitidos "bocalmente" — segundo a expressão matuta — pelos portadores ou "positivos", nas serestas noturnas, nos versos cantados pelos violceiros repentistas do Nordeste. A essa oralidade pré-histórica somou-se a tele-oralidade avançadamente técnica da radiofonia, que introduziu os próprios iletrados na zupelada história do séc. XX, dando-lhes ciência dos acontecimentos, da música, da propaganda comercial ou política, e dos modos de vida de outras paragens nacionais e estrangeiras. Com a invenção dos transistores, a posse de um rádio de pilha converteu-se no anelo das pequenas classes médias e até das pobres, que não poupavam sacrifícios a fim de amealhar a quantia necessária para a sua aquisição. Carregava-se por toda parte como um símbolo de melhoria de *status* dentro da respectiva camada social, generalizando-se o seu uso tanto como o do também ambicionado relógio de pulso. Seus efeitos eram múltiplos e ambivalentes. As emissoras de rádio contribuíam para fortalecer o milagre da unidade nacional, diminuindo, por estes Brasis, a legião — não desaparecida de todo até hoje — dos que não sabem em que país vivem ou que nacionalidade têm. Sem falar nos que não conhecem a bandeira da sua pátria ou ignoram o hino nacional. Além disso, o rádio contribuiu e contribui para uniformizar a língua, cuja unidade é outro milagre, que concorre para o já referido milagre da unidade brasileira. Enquanto as

emissoras radiofônicas agiam como forças centralizadoras do arquipélago sócio-cultural brasileiro, concorriam para esmaecer as diferenças regionais. Por outro lado, a irradiação da propaganda comercial fomentava os primeiros comichões de consumismo numa economia ainda pré-capitalista.

Depois do encontro de 1943, tivemos que esperar duas décadas para possuímos os aparelhos mágicos de televisão. Ingressamos, com eles, em pleno domínio da civilização audiovisual, antes de termos conhecido a generalização da escrita. Somos, por isso, das nações com menor índice de leitura, com uma das mais baixas percentagens *per capita* de compra de livros. Os telhados das casas — sejam sobrados ou mucambos, espigões ou barracos — cada dia se tornam mais enfiados de uma floresta de antenas, nervosas mãos metálicas erguidas para o céu, em prontidão ansiosa, a fim de captar a imagem no sacrário dos vídeos, que se multiplicam graças ao extorsivo sistema de vendas a prestações. Diante da tela se quedam absortos os membros da família, os "televizinhos" ou a platéia mais ampla das televisões públicas, instaladas por muitas prefeituras do Interior. Nesta época dos exercícios corporais, as receitas de Cooper, o cultivo das expressões corpóreas, o ideal de esbelteza, o conselho da aptidão física — *the physical fitness* — e a apologia do diálogo têm um grande inimigo no sedentarismo do emudecido telespectador. Devorador ávido de notícias, de filmes, de irradiações de futebol e, sobretudo, de novelas, os aficionados criam uma dependência psicológica ao aparelho de TV como se fossem vítimas de um tóxico audiovisual, que se acrescenta a este mundo de drogas — drogas vegetais ou bioquímicas — indispensáveis ao paraíso artificial do homem hodierno. É fácil prever que, com a diminuição do custo e do volume dos aparelhos, cada qual se faça acompanhar do seu vídeo nos transportes e nas praias e nos locais de trabalho, como já acontece nos escritórios e nas repartições com as televisões grandes ou de médio porte nos frenesis quadrienais das copas do Mundo. E não basta ver as telenovelas. Para muitos, elas também são as leituras preferidas, como as biografias prediletas são as dos seus heróis, — hoje as figuras nacionais mais conhecidas ao lado dos craques do futebol. A esse afã atende a variedade de revistas surgida em torno da indústria das telenovelas. E ainda não é suficiente vê-las e lê-las. Não se poupa o comentário oral, como fazem especialmente as mulheres. Ao lado do futebol, são, pois, as novelas e mais freqüente assunto das conversas do nosso povo. Os hábitos populares e até a cronometragem da vida quotidiana são invadidos pelo mundo da TV. Marcam-se encontros ou programam-se atividades para antes ou depois do "jornal nacional", da novela das sete ou das oito horas. — Quanto aos efeitos centralizadores da televisão, aplicam-se, com multiplicada força o já observado em relação ao rádio. Mas os padrões para a uniformização vêm do Sul do País, — porquanto as televisões locais não passam de retransmissoras da estação nacional dominante. Na conhecida caracterização da imprensa como "quarto poder", — cunhada para os regimes democráticos —, a imprensa televisionada vai abocanhando a parte de leão em força e prestígio. É mister acrescentá-lo sempre aos outros três Poderes do Estado, seja na versão clássica, seja na do estudante de Direito Constitucional a quem o professor pediu para enumerá-los. Lépidio, ele recitou: Exército, Marinha e Aeronáutica. Esse realista — talvez sem o saber ou querer — estudante de Direito Constitucional não teve culpa de ser incompleto em sua enumeração, porquanto só lhe pediram para citar três Poderes. Se a

pergunta fosse mais aberta, possivelmente não teria esquecido esse quarto poder, ao qual nunca deixam de prestar homenagem os outros três Poderes do Estado, os nominais ou os reais: a homenagem do temor, quando censuram os meios de comunicação, ou a homenagem da bajulação e do aliciamento, por todos os processos, quando os deixam em liberdade condicional. Também sabe o quarto poder amaciar os demais. Basta o louvor ou o elogio, de que pode ser pródigo, por estar convencido do pensamento de Afrânio Peixoto: "o elogio é moeda falsa, da qual ser avaro é dar prova de pouco inteligente". É a mesma filosofia que, dentro da imprensa escrita, faz dos colonistas sociais, senão os mais expertos, os mais espertos jornalistas do País. Todos se valem da sabedoria do autor do *Eclesiastes* ao ressaltar o caráter universal da vaidade, da qual ninguém se furta, **vista farda, socaina ou trajas civis. Resumamos, porém os efeitos da** nossa revolução das telecomunicações, observando que ela completou a imagem pitoresca do Brasil como o País do Carnaval, do futebol, das telenovelas e das pornochanchadas, sejam estas cinematográficas, literárias ou das revistas ilustradas. Eis, num Mundo de tristezas crescentes, quatro títulos tentadores, que podem converter o nosso País num irresistível **paraíso turístico. Se assim pensam os risinhos ufanistas, os críticos enxer-**gam naquelas características as quatro espécies de ópio do povo, que o anestesiavam para as mais diversas privações, para o desenfreado aumento do custo de vida, **para as mordomias de toda sorte, para o espetáculo das elites** cúpidas e hedonistas, para a imprevidência e inoperância administrativas, para os desmandos do arbítrio, para a insegurança que nos ronda por todos os lados. Também conseguimos uma fórmula indolor de desenvolvimento econômico, que dispensa qualquer tipo de puritanismo, seja o calvinista, o japonês ou o soviético. Já ingressamos numa sociedade de consumo antes de chegarmos à alta industrialização. E todos nos empurram para o consumismo. O governo, que devia dar o exemplo de austeridade, educa-nos para o desperdício, com os gastos suntuários ou as obras mal planejadas. Os empresários estrangeiros e nacionais forçam o consumo por meio da propaganda incessante, do sistema de vendas a crédito, da mudança cada dia mais veloz da moda, pela produção de artigos planejados para curta obsolescência, segundo o conselho "use pouco e troque por um novo o mais breve possível". Todas as classes, inclusive as pobres, são vítimas culpadas do desperdício programado, pela aceitação desses estímulos e pelos hábitos de uma sociedade de formação aristocrática, em que cada qual anda à busca de melhor *status* ou da sua aparência. Até a inflação nos arrasta, paradoxalmente, para o mesmo alvo, incutindo-nos a compulsão de comprar o máximo hoje porque amanhã será mais caro. A receita, que pode servir de defesa individual contra o custo de vida, transforma-se, coletivamente, no maior acelerador da espiral inflacionária.

Quando a Bahia festejou Gilberto Freyre pela primeira vez, **estávamos** na idade pré-cibernética, que somente no ano seguinte, em 1944, se abria nos Estados Unidos com a primeira geração de computadores. Começava a era da informática, com o maior salto da história humana. Até então, todos os inventos técnicos representavam uma multiplicação do poder dos nossos músculos ou dos nossos sentidos. Agora, construiu-se uma máquina que multiplicaria a potência do nosso cérebro. Com ela se armazenaria uma quantidade fantástica de dados, superior à capacidade de retenção de nossa memória. Ao mesmo tempo, realizar-se-iam, em segundos, cálculos que

exigiriam um século ou mais de vida para serem concluídos por um homem. Nasceu não só uma poderosa indústria dos cérebros eletrônicos, mas também um novo campo de serviço, o de processamento de dados. As organizações econômicas, que, a cada dia, se concentravam, agigantaram-se ainda mais, ao mesmo tempo que os registros contábeis, as informações e os negócios se fazem com rapidez incrível. O mundo industrial moderno passou a exigir um pessoal de alta habilitação, anunciando o fim do proletariado propriamente dito, ou do trabalhador manual, a que Marx dera maior importância, e sobre o qual fundara as suas previsões econômicas e políticas. As tarefas mais humildes e rotineiras poderão ser feitas por robôs ou máquinas obedientes ao comando eletrônico. À medida que diminui o número dos operários sem qualificação, o desemprego mais temido, nas nações altamente industrializadas, é o dos trabalhadores de certo nível intelectual, — justamente os mais perigosos para o equilíbrio da sociedade. — Na seara política, os novos engenhos poderiam propiciar grandes avanços do governo popular, aumentando o controle dos cidadãos sobre os governantes, por meio da rápida apuração das eleições e a freqüente realização de plebiscitos. A própria democracia direta poderia ter novo e mais aperfeiçoado florescimento. Mas é justamente para o caminho inverso que se aponta. Como em relação às outras conquistas técnicas, esta também é aproveitada predominantemente para reforçar o poder do Estado. Nem se podem queixar, aliás, os cidadãos, cuja indiferença pela coisa pública — pela *res publica* — facilita os planos de sua subjugação. Desde a invenção das armas de fogo, a força física entre o Estado e os cidadãos foi entrando em desequilíbrio constante a favor do primeiro. Com o avanço da técnica militar, criadora de um terrível arsenal de armas sofisticadas, de manejo acessível apenas aos iniciados, praticamente se encerrou a era das revoluções do homem comum. As insurreições somente podem vingar com a ajuda das Forças Armadas ou com a sua cizão. Findou a era dos "profetas desarmados" e inaugurou-se a dos "profetas armados", para usar expressões de Machiavelli. — O Estado, por outro lado, se refina incansavelmente na arte de condicionar as nossas mentes, utilizando-se da mais insidiosa máquina de propaganda, sempre atualizada pelos mais recentes achados da psicologia individual e coletiva. Aprende a fabricar servos submissos, felizes na ilusão de usufruírem ilimitada liberdade. Graças à revolução fotográfica, propiciada pelo avanço miraculoso das novas lentes, e graças a iguais avanços nos processos de gravação do som, o Estado pode fotografar, se quiser, todos os nossos passos, e gravar todas as nossas conversas. Dessa forma, o fantasma orwelliano do "Grande Irmão" nos vigia por toda a parte. Agora, com a informática, o Estado pode armazenar, em sua memória eletrônica, as biografias mais completas sobre todos os cidadãos, menos conhecidos, a partir de agora, pelo nome do que pelo número, como já acontece nos registros do imposto de renda ou nas contas bancárias. O Poder público pode ter ciência de tudo que temos em nossas moradas e dentro dos nossos bolsos. Seu próximo objetivo é conseguir inventos que possibilitem desvendar o que se passa em nossa mente. Dos delitos de opinião já catalogados em vários países, chegar-se-á à perfeição penal dos delitos de pensamento. Os Césares já não reconheceriam coisas que fossem de Deus, porque tudo seria de César. O Príncipe seria também o sumo Sacerdote, unindo as duas espadas, a do poder temporal e a do espiritual. Para o oficiante do Estado e da igreja não se

pode delinquir apenas por palavras e obras, mas também, como na religião, por pensamentos, palavras e obras. O segredo será monopólio do Estado, sendo punido quem quer que o viole com a pretensão de guardar qualquer sigilo de sua própria vida. Há cerca de meio século, Carl Schmitt, jurista precursor do Nazismo, proclamou o dogma: "não há mais vida privada". Hoje, estamos mais perto de ver realizado, ao pé da letra, esse programa. Senhor da nossa vida, o Estado poderá traçar o nosso destino. Senhor dos nossos bens, o Estado poderá satisfazer, como bem lhe aprouver, a voracidade dos vários "leões" do fisco. A raposa e o leão, segundo Machiavelli os animais-símbolos dos governantes, fundir-se-iam na nova imagem do Leviatã: a esfinge leo-vulpina do Poder. — Esse esboço ao feitio de ficção científica, e que já é mais ciência do que ficção em algumas partes do Mundo, certamente está na fase de ensaio entre nós. A revolução da informática vai, porém, abrindo o seu caminho no País, com velocidade variável segundo as regiões. Na Bahia, diversas empresas já operam com computadores, mas as mais importantes, sobretudo os bancos, têm os terminais dos seus cérebros eletrônicos no Sul. Mesmo estudantes já manejam seus minicomputadores, que lhe reduzem a aptidão para fazer contas de cabeça, como a máquina de escrever fez que muita gente descurasse da caligrafia.

Distanciamento talvez mais dramático do nosso primeiro encontro é o ter-se verificado ainda na idade pré-atômica. Faltavam perto de dois anos para que ela se assinalasse sobre Hiroshima e Nagasaki, com um claro ofuscante e com o medonho estampido que ainda não deixou de ecoar na consciência sobressaltada deste séc. XX, — se é que os séculos, e o nosso em particular, têm consciência. O cogumelo atômico, que se ergueu sobre aquelas cidades japonesas, é hoje planta de raízes mais vivas e perfurantes nas almas amedrontadas dos homens de pensamento. A revolução da energia nuclear não foi a primeira a pôr em causa o problema da sobrevivência da humanidade. Mas foi a que o colocou em termos mais dramáticos. Relembro-me do diálogo travado com um professor norte-americano, adversário da proliferação das armas nucleares, na verdade deseioso de que não se ampliasse o número de membros do clube atômico. Sua pregação era, de antemão, inútil, porquanto a história não conhece exemplo de nenhum invento bélico que não se difundisse pelos demais povos. Perguntei-lhe se a civilização atômica não significava um beco sem saída para a humanidade, uma vez que a energia nuclear, mesmo para fins pacíficos, trazia o problema insolúvel do lixo atômico. Respondeu-me que uma solução havia de aparecer a menos que se quisesse pressupor o suicídio da espécie humana. A isso lhe repliquei com nova pergunta: "Quem sabe se a humanidade não quer suicidar-se?" Ele apenas ponderou que essa fora a mais profunda indagação que se lhe dirigira naquela manhã, para cuja resposta se exigiriam amplos conhecimentos de sociólogo, filósofo e até teólogo. — Com esse *ignoramus*, fazemos nossa entrada na orgulhosa elite atômica, sob muita pressão e polêmica.

A revolução biológica e farmacológica levou-nos, por seu turno, a um mundo bem diferente do de 1943. Os pesticidas sanearam imensas regiões e erradicaram teimosas endemias. Mas a euforia inicial foi substituída pelo perigo da contaminação dos alimentos. Os antibióticos, os enxertos e os transplantes de órgãos realizam milagres que estendem a duração média de vida por toda a parte. A baixa vertiginosa da taxa de mortalidade alterou o

regime demográfico dos povos, sobretudo o dos subdesenvolvidos, onde a diminuição dos óbitos não se acompanhou com uma queda paralela do índice de natalidade. Em face da maior percentagem dos idosos, cresceu a impaciência dos jovens para tomar-lhes o lugar. Nasceu assim, o chamado "poder jovem", que aguçou os conflitos de gerações fora e dentro da família. Pouco se oferece, porém, ao "poder jovem" num mundo altamente complexo, que não pode dispensar a gerontocracia. A pílula anticoncepcional e outros contraceptivos passaram a ser empregados em massa. O velho culto da fecundidade, próprio de um mundo preocupado em compensar as constantes baixas causadas pela morte, passou a ser substituído pelo culto hoje universal da contracepção. Malthus ressuscitado, inclusive em países marxistas-leninistas, esquecidos do anátema de Marx contra aquele pastor da Inglaterra, que não passaria de um reacionário pensador burguês. O pessimismo malthussiano decorria do seu desconhecimento do mundo de abundância que esperaria a humanidade sob o regime de produção socialista. O próprio surto do homossexualismo e a busca de outras formas do prazer sexual que não deságue na reprodução humana dão a impressão de um misterioso impulso teleológico da vida para defender-se do excesso de vidas e desviar-se das ameaças da explosão populacional. — Mais fantásticas são as descobertas da nova genética, que já possibilitaram mudanças fabulosas em espécies vegetais e animais, quando não a criação de novas. Sua aplicação ao homem, com fins terapêuticos, poderá proporcionar a cura de muitas doenças ou defeitos hereditários. Mas também pode trazer-nos o espantinho da fabricação em série de tipos humanos hierarquizados geneticamente, nos moldes do "admirável mundo novo" (*a brave new world*) de Aldous Huxley. Por seu turno, a conjugação da revolução cibernética com a dos transplantes e o fabrico de órgãos artificiais aumentam a semelhança entre o homem e a máquina. O robô com cérebro eletrônico sugere a humanização da máquina. Por sua vez, o homem que pode substituir partes do seu organismo torna os hospitais semelhantes a oficinas onde se repõem peças da mecânica humana. — O regime demográfico não se modificou apenas quantitativamente e em suas faixas etárias. Alterou-se também espacialmente, com a aceleração da comida das populações para as cidades, atremessando-as na era ao mesmo tempo trepidante e desolada da superurbanização. Solitários no meio das multidões, psicologicamente afastados dos próximos com quem se acotovelam a todo momento, os moradores das grandes cidades voltam, por assim dizer, a experimentar a guerra hobbesoniana de "todos contra todos", dentro de uma selva de pedra poluída por todos os lados. Ameaçados pela insegurança geral, gerada pela ascensão da violência e do terrorismo, são uma permanente vítima de neuroses de toda gama, e do que levam a um consumo crescente de álcool, fumo, tranquilizantes e psicotrópicos. Outrora, o homem se orgulhava das metrópoles. Hoje, a luta é a favor do que costumamos denominar de *desmetropolização*, — programa dos mais difíceis porque luta contra a tendência à concentração das empresas, e sua colocação nas vizinhanças dos grandes mercados ou das fontes fornecedoras de matérias-primas. O *homo economicus*, ou o que pensa em termos exclusivamente, ou mesmo predominantemente, econômicos, é o criador da desumanização econômica. — Por tudo isso, ainda é mais utópico o ideal rousseauniano de volta à natureza em que muitos se embalam, esquecidos de sua impossibilidade

num mundo a cada dia mais complexo e mais povoado. Contudo, uma catástrofe nuclear, desencadeada acidentalmente ou por loucura consciente, poderá concretizar o sonho do regresso à natureza, numa paisagem de destroços.

Quando aqui nos reuníamos, há 37 anos, não tínhamos de reaprender novamente quase toda a Geografia política do Mundo. É que ainda não havia começado a onda final de descolonização. A primeira irrompeu há mais de duzentos anos, com a emancipação das colônias inglesas na América do Norte, e se espalhou por quase todo o nosso Continente. A segunda pôs-se em movimento no fim da Primeira Guerra Mundial, com o sistema de *mandatos* da Liga das Nações, que contribuiu para libertar alguns povos do Oriente Próximo. Por fim, a terceira onda descolonizadora soprou sobre a África, Ásia, Oceânia e algumas sociedades ainda colonizadas das Américas. — Os impérios que permaneceram ou até se ampliaram foram os dos países marxistas-leninistas, justamente os mais insistentes no pregar a libertação de outros povos. A União Soviética, já em si um império interno, com a hegemonia da Rússia sobre as demais repúblicas federadas, estendeu-se com a incorporação de parte da Finlândia e da Polónia. O mesmo fizeram a China continental, anexando o Tibete, e o Vietnã do Norte, alargando-se pelo Vietnã do Sul. Em 1943 só existia um país marxista-leninista. Atualmente, o seu número caminha para duas dezenas. Contudo, não reina entre eles a fraternidade socialista, sonhada desde Marx, como garantia da paz universal. É o que nos mostra a hostilidade entre a Jugoslávia e a União Soviética, entre esta e a China Popular, entre a última e o Vietnã, para não citar a indisfarçável hostilidade entre as nações da Europa oriental e a Rússia. — Anote-se que a rebeldia contra o Ocidente se apoiou no arsenal físico e mental do próprio Ocidente, isto é, com suas armas materiais e espirituais. Foi assim com o Império nipónico, que forjou, com tais meios, a sua modernização. Quando a Rússia e depois as chamadas democracias populares se voltaram contra a hegemonia ocidental, empregaram uma doutrina gerada no ventre do Ocidente: o marxismo, filho revoltado do liberalismo. Lenine definiu o socialismo bolchevista como a adição do marxismo com a eletrificação. Quando a crise do petróleo transformou os países árabes nos mais rápidos novos ricos da história mundial, graças à loteria geológica do ouro negro, sua primeira preocupação foi importar do Ocidente toda a parafernália técnica e algumas idéias ao seu alcance. Alá logo estendeu a mão a Mamom, e se apressou em dar tinturas de *welfare state* aos seus reinos medievais. — O Ayatollah Khomeini foi o único a tentar empreender uma revolta completamente anti-ocidental, até em seus meios de luta, ansioso em retroceder à Idade Média e a fazer do Corão a Magna Carta do seu País. Mas logo a ironia da História lhe fez ver que ainda está sobrevivendo graças às armas do Ocidente que o seu detestado inimigo, o ex-Xá que destronou, havia acumulado. De qualquer sorte, países altamente industrializados ou às vésperas da pós-industrialização vivem à mercê de países de estrutura feudal. Por outras palavras: o século XX vê-se na dependência da Idade Média.

Se existe tal abismo entre a época do nosso primeiro encontro e o de hoje, a ponto de parecerem dois universos irreconhecíveis, o curioso haverá de perguntar se ainda existe atualidade na obra gilbertiana, concebida e realizada, na sua parte nuclear, antes dessa série de revoluções que

alteraram a fisionomia e os destinos do Mundo. — Todas as respostas são afirmativas. A primeira é a própria presença de Gilberto Freyre, mais uma vez na Bahia. A segunda resposta é que quanto mais o Mundo muda, mas temos necessidade do sociólogo e do historiador, sobretudo do historiador, que é, ao nosso ver, uma das expressões dominantes de Gilberto Freyre. O historiador, antes de mais ninguém, nos faz descobrir o fio humano que nos revela a continuidade sob as mais espetaculares transformações. Ainda não vivemos sob regimes que se presumem carcereiros de todos os tempos. Além de senhores do presente e do futuro, também se julgam donos do passado, criando ou refazendo a História segundo os caprichos momentâneos do Poder.

Em terceiro lugar, a preocupação saliente da obra de Gilberto Freyre é justamente a retratação do nosso passado com vistas à melhor compreensão do presente. Fez esse retrato com tintas até então não usadas. Viu as suas singularidades e minúcias, a ponto de alguns críticos lhe censurarem o gosto do pitoresco, do exótico ou do folclórico, em detrimento dos motivos capitais da aventura humana. Na verdade, a sua cuidadosa inspeção das árvores não lhe distorceu a visão do bosque. Seu trabalho se assemelha a um mergulho profundo na parte imersa do *iceberg* de nossa história.

A temática que se propôs explorar em maior extensão e profundidade foi a da sociedade patriarcal no Brasil, estudando as suas origens, transformação e desintegração. Sem dúvida, o patriarcalismo brasileiro era característica visível a olho nu, como, aliás, o das coletividades em nosso estágio de desenvolvimento. Mas ninguém acarreou, para esse estudo, tamanha soma de material, tantos dados comprobatórios, reunindo tal acervo de fatos até então desconhecidos ou velados por uma espécie de pudicícia, senão relegados, talvez inconscientemente, como irrelevantes. Seu trabalho rompe, por assim dizer, a censura social e nos oferece, por isso, os resultados de uma sociologia psicanalítica. Com ele se nos ostenta, em linguagem mais desvelada, desconhecida pelos sociólogos da época, a intimidade da Casa-Grande, mostrando-nos as amplas varandas, armadas de redes, onde os senhores se entregavam ao sono depois de repastos de glutões, cercados de mucamas catadoras de cafuné ou hábeis em carícias mais prazenteiras; a sala de visita com suas cadeiras e sofás de jacarandá, onde se acertavam os negócios e os casamentos, se pagavam as visitas e os noivos conversavam, mais ou menos cerimoniosamente, sob os olhos vigilantes da futura sogra; a cozinha cheia de bulício como colmeia, — a área de maior movimento da casa —, onde gordas pretas, cercadas de ajudantes e moleques, preparavam a mesa farta, com os pratos de resistência da feijoada, do mocotó, da carne do sol, do cozido com verduras, da bacalhoadada, do sarapatel, do caruru, do vatapá, ou se requintavam nas suculentas e variadas sobremesas de doce de leite, baba de moça, pingos de ovos, quindins, bolos de toda espécie, compotas das mais diversas frutas, sem esquecer o menu especial do café da manhã, com coalhada, requeijão, beiju, inhame, abóbora com leite, munguzá, bolo de aipim; a alcova da monogamia legal, onde, por vezes, velhos aristocratas dormiam com tenras sinhazinhas, que aceitavam, passivamente, a concorrência da poligamia de fato dos haréns da senzala. Tempos de homens comilões e troncados, e de mulheres gordas e imponentes, tornadas mais volumosas ainda pelas peças sobrepostas do refolhudo vestuário que, como moda anti-ecológica, nos perseguiu até poucas décadas atrás. Na mesa, o imperativo era comer abundantemente e

com freqüência, segundo a receita de boa saúde da medicina ainda não desaparecida dos nossos sertões, e segundo os padrões estéticos que os mais idosos de hoje ainda conheceram. Era o tempo das mulheres rechonchudas como as madonas de Rafael, em contraste com a moda hodierna dos perfis esqueléticos, que lembram as esguias princesas do Egito antigo. Era a época em que aquele ideal se traduzia na velha frase: "Dá-me gordura que te darei formosura". Hoje poderíamos substituí-lo pela fórmula: "Dá-me riqueza, que te darei beleza".

Nos talamos com cortinados das Casas-Grandes ou nos catres das Senzalas, o imperativo era procriar. As mulheres ou estavam esperando menino ou criando meninos. A palavra de ordem era reproduzir, — reproduzir para aumentar o pequeno contingente do povo colonizador, para multiplicar a mão-de-obra, para povoar o grande ermo da terra, para preencher as lacunas nas fileiras dos vivos, abertas pela morte precoce, causada pelas endemias, pelas infecções, pelas lutas com os índios e os corsários, pelas vinganças de escravos, pelas picadas de cobra ou pelos ataques de animais ferozes ou nocivos. Imperava, pois, no começo do Brasil, como no começo do Mundo, o mandamento bíblico do "crescei e multiplicai-vos". E possuía tal força coerciva que a ele obedeciam os próprios padres, esquecidos do voto de castidade ou convencidos da máxima de que não existe pecado abaixo do equador. Essa ideologia populacional enraizou-se de tal modo em nosso povo que tem sido o maior obstáculo a um programa de planejamento familiar. Por essa tradição, não se enxerga a sua necessidade. Por causa dela não se vê a impossibilidade de gerar novos empregos na proporção da avalanche de braços que chegam anualmente ao mercado de trabalho, desconhecem-se as novas condições da vida citadina ou os indícios do advento da era da automação.

Por tudo isso, ainda são inúmeras as vozes que se opõem a toda e qualquer forma de controle da natalidade. Falam em nossos espaços vazios, imaginando preenchê-los nesta época de crescente êxodo dos campos para as cidades. Vibram o velho argumento militar de que é necessário povoar para garantir a soberania nacional, sem se advertirem de que, na guerra moderna, o que vale é o soldado saudável, bem alimentado e destro no manejo das armas mais sofisticadas e atualizadas, em lugar dos numerosos recrutas, simples carnes para canhão, que podem mais prejudicar do que ajudar a sorte das batalhas. — Mas as novas condições do Brasil urbanizado, consciente ou inconscientemente, vão fazendo tábua rasa desses arcaicos refrões. Apenas a racionalização, nesta esfera, se faz de modo inverso, para não dizer ilógico, — o que, aliás, é fenômeno universal. Os abastados ou da classe média, seja qual for a crença religiosa, controlam o número de filhos. A quase totalidade das mulheres desses estratos faz uso da pílula anticoncepcional ou de qualquer outro sucedâneo. Mas as pobres não as acompanham, por falta de recursos ou de conhecimentos, quando não pelo folclore da virilidade fecundante de que ainda não se libertaram os seus maridos, desejosos de posarem como patriarcas orgulhosos da numerosa prole. Até os nossos dias, ainda se vêem, nos jornais, concursos da mãe do ano, cuja vencedora é uma pobre mulher cercada de mais de uma dezena de pimpolhos raquíticos, — exemplo pelo qual se poderá transformar a nação em outra Índia. Por esse caminho se produziria o empobrecimento progressivo do País: mais bocas para comer do que braços para produzir; gente para alimentar, alojar, vestir e educar em número superior à

capacidade da nossa economia para absorver a nova mão-de-obra.

A primeira erapa do nosso patriarcalismo está representada, em imagem arquitetônica, pelo binômio *Casa-Grande e Senzala*, título do seu mais famoso livro, cujas numerosas edições, cada vez mais gordas, submetidas a um regime de superalimentação de novos dados, estão fadadas a continuar, como o estão as traduções em diferentes línguas, inclusive o japonês. Alguns sociólogos observaram que esse dualismo, que se interpenetra numa quase unidade, não foi característica geral da formação brasileira, pois não se encontraria em certos pontos do nosso País. Deve-se ponderar, porém, que, se exceções houve, elas foram insignificantes. Em segundo lugar, é mister não ignorar que se trata de um complexo cultural que, se não retrata a nossa cultura em todos os seus pormenores, vale como signo da realidade geral do patriarcalismo. Essa estrutura de família, o Catolicismo e uma só língua foram, sem dúvida, a trípole em que se assentou a unidade nacional.

Os dois termos representam bem o Brasil dual, de senhores e escravos, dificultando o crescimento do segmento intermediário de homens livres e de pequenos proprietários. As poucas "casas-pequenas" — chamemos assim — viviam à sombra das Casas-Grandes, como se fossem suas dependências. Os próprios conventos e igrejas, que seriam uma terceira unidade no Brasil dos primeiros séculos, assumiriam a feição de Casas-Grandes eclesiásticas, também elas possuidoras de escravos e dotadas de sesmarias. Outra parte da igreja estaria, de certo modo, dentro das próprias Casas-Grandes — os capelas como agregados dos senhores territoriais, e as Capelas como templos privados dos mesmos senhores.

Na fase de transição do campo para as cidades, com a fisionomia mista de civilização "rururbana", o dualismo, embora atenuando-se gradativamente, ainda se conserva, e o binômio Casa-Grande e Senzala se transmuda no de *Sobrados e Mocambos*. A classe média foi, sem dúvida, engrossando, mas a predominância da nossa sociedade dual ainda é manifesta na divisão entre ricos e pobres, e se estampa nos altos e baixos do nosso urbanismo. Em algumas de nossas cidades, ainda vemos alternar-se, nas linhas das ruas, um solar seguido de pequeninas casas, cuja seqüência se interrompe com nova residência solarenga, continuada por outras modestas moradas, e assim sucessivamente. O crescimento mais forte da classe média e de outros segmentos se torna mais visível após a Primeira Grande Guerra e se acelera depois do segundo conflito mundial. Então, se quiséssemos empregar ainda o díptico, falaríamos de "espigões e barracos", juntando logo que a paisagem social e urbanística se diversificou consideravelmente com a dissolução do patriarcalismo e a disparada industrialização. Os próprios extremos se modificaram. Já não são os senhores e escravos de outrora. São, de um lado, os grandes industriais, banqueiros e grandes fazendeiros — alguns personagens sendo detentores dessa tríplice condição —, do lado oposto, os trabalhadores desqualificados das cidades e dos campos, e os empregados domésticos. Entre os dois pólos, situam-se os estratos dos altos escalões militares; dos mais graduados técnicos militares e civis (*managers* ou executivos), os grandes profissionais liberais, incluindo o número menor de grandes artistas e escritores; a alta classe média, e os trabalhadores qualificados. Essa estratificação econômica não coincide com a estratificação política e intelectual. No domínio político, os altos escalões militares ocupam hoje o primeiro plano, tendo como meros coadjuvantes os

tecnocratas e o empresariado. Mas, por todas as camadas que se sentem menos aquinhoadas de poder e de bens, perpassa uma febre de novas expectativas, que coloca certas interrogações na atual conjuntura brasileira.

Esse apressado perfil diacrônico da sociedade brasileira visou apenas a demonstrar como o nosso povo se pode beneficiar, intelectual e emotivamente, dos estudos histórico-sociológicos de Gilberto Freyre. Eles puderam iluminar as nossas raízes e, trazendo-as à consciência dos brasileiros, operaram uma espécie de *catarsis* coletiva, que dissolveu muitos complexos que os deprimiam em relação às suas origens. Gilberto Freyre, se quiséssemos falar figuradamente, teria levado toda a nação a um divã psicanalítico e, depois de explicar os enredos do seu passado, a teria curado do complexo de Édipo coletivo, fazendo-a identificar-se com a figura paterna, — figura paterna quase sempre de homem mestiço. Não nos esqueçamos que ainda neste século, eramos uma nação predominantemente de homens de cor, de pardos e negros. Só a partir de 1920 se acusa a preponderância numérica de brancos, confirmada no Censo de 1940, — brancos, aliás, que não estariam claramente fora de qualquer dúvida.

A nossa *intelligensia* dos fins do século passado e das três primeiras décadas deste século, ainda vivia convencida da superioridade do homem branco, especialmente do ariano, influenciada pelo que considerava a última palavra dos ensinamentos bio-sociológicos, tais como o racismo histórico de Gobineau, o antropológico de Lapouge e Otto Ammon bem como certos resultados da aplicação de testes de inteligência na América do Norte. Homens de ciência como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, João Ribeiro e Oliveira Viana viam, como causa do nosso atraso, a grande dose de sangue negro, e consideravam a mestiçagem um fator de degenerescência. Assim é que, estribando-se em aquelas e outras autoridades, além dos testes de Binet, Oliveira Viana, apesar de reconhecer as grandes variações individuais entre os brancos e os pretos, escreveu ainda em 1934: "Esta desigualdade entre as duas raças só se revela, como já dissemos, quando os seus indivíduos se apresentam reunidos em grandes massas. Nesse caso, *há quase certeza matemática nesta conclusão* (grifamos): de que um grupo de 10 mil negros há de se mostrar incomparavelmente mais ricos em *dulls* (pessoas de pouca inteligência) do que um grupo de volume igual, formado exclusivamente por tipos arianos ou semitas" (1).

Conceitos desse jaez perduraram até que nomes como o de Arthur Ramos, Gilberto Freyre e Thales de Azevedo sustentaram que as diferenças entre raças eram mais culturais do que *comprovadamente* biológicas. Os dois últimos mostraram os efeitos revigoradores da miscigenação, num mundo que, aliás, dificilmente pode falar em grupos raciais puros. As conseqüências dessa nova orientação importaram numa tranquilizadora libertação do nosso complexo de inferioridade nacional. A pacholice ou a ânsia de autovalorização do mulato, que se consideravam características genéticas, deixaram de ser mencionadas há décadas, à medida que o pardo foi se tornando mais seguro de si mesmo. Por pouco caímos no outro extremo, o da sua supervalorização, ou o de um racismo das pessoas bronzeadas. O certo é que a Vênus loura européia foi sendo substituída pela Vênus morena, até que a mulata tomou o lugar de Afrodite brasileira nas canções populares, no Carnaval e até nos concursos de beleza. Em 1964, uma mulata, eleita rainha de beleza da Guanabara, conquistou o posto de Vice-Miss Brasil. Até um padre, João Bedeschi, lhe dedicou um samba em

que proclamava ser "a mulata que comanda o Carnaval" (2).

Em virtude dos estudos pioneiros de Gilberto Freyre, já não se ouve a pergunta, que costumava aflorar outrora com certa freqüência, sobre se o Brasil não seria mais adiantado se tivesse sido colonizado por um povo do Norte da Europa. Fazer história sobre hipótese equivale a um exercício contraditório de Futurologia do passado ou de Prospectiva para trás. Não é fácil, talvez, negar o título de maiores colonizadores aos ingleses. Somente eles conseguiram que colônias de diferentes raças e de diversos graus de civilização continuassem, depois da independência, ligadas à Coroa inglesa, dentro da antes chamada Comunidade *Britânica* de Nações, hoje denominada simplesmente Comunidade de Nações. Mas seu êxito foi mais no campo das instituições políticas e nas colônias de população predominantemente anglo-saxônica, nas quais a Grã-Bretanha, pôde agir verdadeiramente como a "Mãe dos parlamentos". Não se pode, entretanto, atribuir-lhe e aos povos protestantes em geral, sobretudo aos de cepa calvinista, a capacidade de fundir-se com as populações nativas. Sua crença de "povos eleitos" insula-os dos colonizados, deixando uma terrível herança de problemas, sobretudo raciais, como o da África do Sul e da Rodésia, a Zimbábwe de hoje. Os holandeses, apesar da brilhante administração de Maurício de Nassau, fracassaram no Nordeste do Brasil, e não se pode dizer que tenham tido melhor sorte na Indonésia ou no Surinam. Enquanto isso, o minúsculo Portugal já havia fixado, nas suas linhas capitais, os lindes do ecúmeno brasileiro, no séc. XVIII, — coisa que os Estados Unidos somente alcançaram no século passado, por força de uma arrancada imperialista que mutilou, pela força, a metade do México.

Contudo, não se pode canonizar o colonizador português ou qualquer outro colonizador. E parece-nos inegável que a colonização portuguesa foi um fator da demora do nosso processo de desenvolvimento econômico. O português foi tão rapace como o colonizador espanhol no artocho fiscal e na apropriação do nosso ouro e pedras preciosas. A Corte lusa aqui abrigada levou tudo quanto podia carregar, no seu regresso a Portugal. D. João VI deu o exemplo, raspando os cofres do Banco do Brasil. Para o reconhecimento de nossa Independência pela ex-Metrópole, tivemos de pagar-lhe uma indenização de 2 milhões de libras esterlinas. O mercantilismo português no Brasil foi mais rigoroso do que o da Inglaterra em suas colônias na América do Norte. Nestas, somente foram proibidas as manufaturas que pudessem competir com a metrópole. Se a produção do aço foi vedada, estimulou-se a do ferro, para que a Inglaterra se livrasse da dependência dos países bálticos em relação a esse produto. Se Portugal impediu nosso avanço manufatureiro antes da Revolução Industrial, não poderia auxiliar depois desta, pois ela não passou por suas plagas. Pelo contrário, Portugal tolhera-lhe os passos pelo Tratado de Methuen de 1703. O Tratado garantia o mercado inglês para os vinhos de Portugal, mas este se comprometia a assegurar uma tarifa favorável às manufaturas inglesas. No plano social, nossa colonização foi obra de uma aristocracia rural de base escravagista, que desde cedo criou a pertinaz "Ideologia" de "país essencialmente agrícola". A escravidão, que abrangeu todo o País, enraizou a aversão a todo trabalho manual, como atividade indigna ou degradante para o homem livre. — No campo cultural, a nossa Metrópole impediu o funcionamento de prelos e a criação de escolas superiores, para não falar em Universidades, ao contrário do que sucedeu nas colônias inglesas e até

espanholas do Novo Mundo.

O patriarcalismo também pode ser visto como um entrave para o arranco desenvolvimentista. A educação patriarcal prolonga a dependência emocional e econômica da prole em relação à família. A rígida divisão do trabalho no patriarcalismo, sacrifica principalmente a mulher. Recolhida ao silogeu, ensinam-se-lhe apenas as "prendas do lar", passando, por via de regra, a desconhecer o mundo além do portão da casa. Todos, em especial os advogados, conhecem os dramas vividos pelas esposas que perdem o chefe de família. Ignoram tudo, não tendo notícia da maior parte dos bens a serem inventariados. Muitas não sabem sequer onde ficam o Foro e os cartórios de Justiça. A quase generalidade jamais assinou um cheque. Esse quadro já se alterou consideravelmente com as mudanças sociais recentes, especialmente nos meios urbanos. Mas não desapareceu de todo. Não me esqueço de uma dessas damas, que surpreendi em conversa com um gerente de Banco, tratando de contratos, amortização de dívidas e outras coisas prosaicas. Fumando compulsivamente, observava: "Agora sei o que é a vida dos homens e porque muitos estouram de enfarte. Sei que eles paqueram e nos enganam, mas não posso deixar de reconhecer quanto eles valem". — Outras, por força da inércia, não escondem sua nostalgia dos tempos de dependência do pai, do marido ou do filho mais velho. É o que exprime esta frase de outra mulher: "Hoje conheço todos esses afazetes de um chefe de família, mas daria tudo para ignorá-los". Todavia, mesmo as novas gerações masculinas se acostumam a viver à sombra dos progenitores, como "filhinhos de papai", sem agressividade econômica ou desprovidos daquele "espírito empresarial" em que Schumpeter via a mola mestra do desenvolvimento econômico.

A presente arrancada industrial, que nos coloca, nesse particular, em primeira linha na América Latina, é uma façanha significativa em virtude desses obstáculos que tivemos de vencer. Atualmente, produzimos quase toda a linha de manufaturados, desde os eletrodomésticos até automóveis, aviões e computadores. Já entramos na área da competição internacional, sendo hoje o segundo construtor naval do Mundo (logo depois do Japão), o sexto produtor de aviões e o sétimo exportador de armas. Nesse grande impulso, devemos ter a humildade necessária para reconhecer outras fraquezas, como a escassez de petróleo, a falta de leite num país possuidor de um dos maiores rebanhos bovinos do Mundo, e a deficiência de alimentos numa nação que possui condições para ser celeiro mundial. É mister, pois, que nos desenvolvamos com planos e sem desperdícios, sem depredar nem degradar a natureza. A defesa do meio ambiente é também uma das velhas lições de Gilberto Freyre, que pode figurar como um dos nossos primeiros ecologistas.

Além de nos conciliar com nossas raízes, com nossos colonizadores e com o nosso meio tropical, Gilberto Freyre nos ensinou a valorizar as regiões. Eis um ensinamento que não deve ser esquecido num País de federação política nominal e de nulo espírito federativo de fato. É que não pode haver autêntico federalismo sem florescimento cultural, ao lado do florescimento econômico, — ambos se implicam —, nos Estados-membros. Gilberto Freyre ensinou-nos essa lição de modo teórico e prático. Sua teimosia em permanecer no Recife, como a de Câmara Cascudo em Natal, a de Jorge Amado em Salvador e, até há pouco, a de José Américo em João Pessoa, vai além de um simples ato de afeição filial pela terra que lhe serviu

de berço. Visa a não empobrecer dos seus filhos mais representativos o empobrecido Nordeste, para que eles funcionem como fermentadores pessoais da inteligência regional. Pena é que a nossa Região não possua os meios materiais de difundir o trabalho desses e de outros intelectuais. O Norte e Nordeste não possuem uma editora, sequer, de irradiação nacional, como não têm outros meios de comunicação. Desse modo, mesmo os trabalhadores intelectuais do Norte e Nordeste, como os seus trabalhadores manuais migrantes, são forçados a aumentar a riqueza do Sul. Resta-nos, com o anseio de que tal situação se corrija, a esperança de que essa circulação de braços e idéias do Norte para o Sul contribua para reforçar a unidade nacional.

Já é hora, entretanto, de que o segundo e principal interlocutor deste encontro passe a ocupar esta tribuna. Ao seu olhar percuciente certamente não ficaram despercebidas as muitas mudanças que aqui mesmo se passaram. Salvador já não é a mesma a que se referiu, mais como um seu apaixonado do que como sociólogo, em sua conferência de 1943, intitulada "Em torno de uma classificação sociológica". "As mangueiras gordas dos subúrbios" já foram arrancadas para que, em seu lugar, se plantassem paredes de concreto, habitadas por pessoas órfãs de árvores. É sempre e sempre, os subúrbios, com ou sem mangueiras, vão correndo para mais longe. Dezenas de grandes sobrados do Corredor da Vitória, construções do nosso patriarcado urbano, que já começavam a abrigar repartições públicas, foram substituídos por espiões agressivos, muitos deles erguidos sacrilegamente do lado do mar, vedando a vista das encostas do "verde ninho murmuroso de eterna poesia", — a cada dia menos verde, a cada dia menos murmuroso e mais ensurdecedor. Receio, pois, que já não sobreviva exatamente aquela Bahia mais cantada do que descrita nas palavras do genérico visitante de 1943. Ela surgia à sua sensibilidade como a "mais vasta estação experimental nos trópicos" da permanente fusão de "tradições antagônicas, valores diferentes, raças diversas em novas combinações de sangue, de cultura, de tipos psicológicos". E prosseguia: "há quem não sinta, não perceba, não surpreenda essa criatividade, tanta é a doçura da vida entre os baianos: doçura que vai ao próprio vagar, à própria lentidão, a certa volutuosidade antes oriental que ocidental em saborear o homem a sua vida e a sua cidade, o seu vatapá e o seu café, o seu sermão de Vieira e o seu charuto de Maragogipe". Temo que essa urbe doce só exista hoje na lembrança. O principal palco dessa amena e inextinguível confraternização, a sala de visita da Cidade, a saudosa Rua Chile, de há muito é morta, estrangulada por uma corda de veículos vociferantes. O baiano extrovertido e compassado transmutou-se no homem retraído, senão amedrontado, que trocou o demorado abraço pelo nervoso *ciao!* Para os que conheceram a Bahia de outros tempos, parece que ela vai perdendo o seu sabor, e subsiste sem autenticidade, como os alimentos em conserva. Apressada cidade para turistas apressados.

Quando o Mestre aqui esteve em 1943, retivemo-lo por cinco dias, cercado do carinho dos estudantes, professores e intelectuais. Se alguma desculpa tivéssemos para pedir-lhe, seria a de Vieira: a de não termos tido tempo para ser breve. No estrangeiro, a sua figura já era conhecida e requestada por várias universidades. A Bahia, porém, se orgulha de ter sido o Estado brasileiro a prestar-lhe a primeira homenagem significativa. E ele fez questão de documentá-la em livro, com o título: *Na Bahia em 1943*.

Então, a Universidade ainda não existia. Falei-lhe em nome da Faculdade de Filosofia, ao ser-lhe outorgada a *lâurea de doutor honoris causa*. Hoje, falo-lhe em nome da Universidade Federal da Bahia e do Conselho Estadual de Cultura. Se, agora, a Bahia tivesse de pedir-lhe desculpa, seria a de ser tão breve nestas homenagens. Mas a brevidade não é só porque a Bahia se tenha tomado menos hospitaleira. São também das circunstâncias, não sendo a culpa exclusivamente nossa. O professor, além disso, já é dos nossos, e tem hoje a agenda cheia pelos chamados de todo o País. Queremos apenas que não falte o nosso aplauso na aclamação geral que se levanta por toda a parte, neste ano do seu octagésimo aniversário. Não desejamos nem devemos reter por mais tempo a sua peregrinação pelas mais diversas latitudes e longitudes do Brasil, pelos seus mais diferentes quadrantes e recantos, todos ansiosos de ouvir a sua palavra, a palavra do Mestre no seu jubileu de glórias.

SUMMARY

"History is a tree that reproduces the leaves, flowers and thorns but never identical thorns, flowers and leaves". So the author situates historically the two meetings he had with the sociologist and historian Gilberto Freyre, at different times, here in Bahia.

When the first meeting occurred at November 27, 1943, we were at the "pre-cybernetic" or "pre-atomic" age, missing only two years for a bomb to destruct Hiroshima and Nagasaki.

Already in October 29, 1980, when the second meeting happened, almost four decades after the first one, the world was another. Several revolutions, occurred at the fields of Exact and Human Sciences changed the "destinies of the world".

But, in spite of this, Nelson Sampaio calls attention for the permanent up-to-dateness of the writings of "CASA GRANDE E SENZALA"'s author because, even having stopped himself in the study of the origins, transformation and desintegration of brazilian patriarchal society, "make us discover the human line that reveals the historic continuity under the most spectacular transformations".

RÉSUMÉ

"L'Histoire est une arbre que reproduit les feuilles, fleurs ou épines, mais jamais identiques les épines, les fleurs et les feuilles". Comme ça l'auteur situe historiquement les deux rencontres qu'il a eu avec le sociologue et historien Gilberto Freyre, à des époques distinctes, ici à Bahia.

Dans le premier rencontre, à 27 Novembre 1943, nous étions à l'âge pre-cybernetique ou pre-atomique et il manquait seulement deux années pour que une bombe détruisait Hiroshima e Nagasaki.

Déjà en 29 Octobre 1980, occasion du deuxième rencontre, presque quatre décades après le premier, le monde était un autre. Beaucoup de révolutions qui se sont passés aux champs des Sciences exactes et humaines ont altéré les "destins du monde".

Mais, malgré ça, Nelson Sampaio ressente la constante actualité de l'oeuvre de l'auteur de "CASA GRANDE E SENZALA" parce que, même en se detent à l'étude des origines, transformations et desintegration de la société patriarcale brésilienne, "nous fait découvrir le fil humain que révèle la continuité historique sous les plus spectaculaires transformations".